



ARQUIDIOCESE ORTODOXA DE BUENOS AIRES
E EXARCADO DA AMÉRICA DO SUL



A SEMANA SANTA

Guia para os fiéis



O que se quer denotar ao qualificar esta semana como santa? Sem dúvida, quer-se indicar que em seu decurso celebramos acontecimentos que possuem uma singular, estreita e especial relação com o espiritual. E, de fato, para alguns, é uma semana que sintetiza, em dois ou três momentos, valores étnicos ou culturais de grande relevância; para outros, é uma semana de celebrações religiosas, em que também, mas de outra perspectiva, destacam como ápice o momento do epitáfio e do “Χριστός

Ἀνέστη”. No entanto, a Páscoa é muito mais do que uma mera evocação cultural ou mesmo religiosa que realizamos periodicamente todos os anos.

É a celebração da Páscoa do Senhor, em toda a sua dimensão de dor e triunfo, de vida e de morte; é um evento de natureza eminentemente espiritual, e para vivê-la em plenitude é necessário acessar a experiência a partir dessa perspectiva. Somente a partir dessa

perspectiva podemos considerar esta Semana como uma *comemoração e celebração* do triunfo do amor. Nessas celebrações se resume e se atinge o ponto de maior densidade da vida de Jesus: "*tendo amado os seus, Ele os amou até o fim*". Portanto, ao celebrarmos sua morte e seu triunfo sobre ela, celebramos toda a sua vida, à qual desejamos estender não apenas nossa memória, mas nossa própria vida. Além disso, *celebramos e vivemos sua "parusia" – presença – entre nós*, que não termina com um mero ritualismo, mas que através dela se prolonga na *Eucaristia*, em sua presença ressuscitada e misteriosa na comunidade cristã. Dessa forma, passamos de *viver e celebrar* sua "parusia" entre nós para vivê-la e celebrá-la *em* nós. E, evidentemente, o nexos entre o "entre" e o "em" nós denota o caráter sacramental e transcendental da comemoração como vida após a vida.

Em última análise, o que celebramos esta semana é o que



celebramos dia após dia, a Páscoa do Senhor. Contudo, é preciso vivê-lo de forma especial nessas datas, voltando-se para a fonte de nossas celebrações misteriosas como um meio direto de ascetismo e

experiência do metafísico. É como beber a água pura da nascente. Essa água, muitas vezes, à medida que percorre os recantos e fendas do tempo e do espaço sem aquela referência continuamente atualizada e experimentada à sua "Fonte", acaba se deteriorando pelo contato com nossa contingência, nossa relatividade, nossa história, rotina e superficialidade. A Semana Santa é uma oportunidade única para reatualizar essa referência com o Absoluto e me reconfigurar a Ele.

Esta semana é também uma semana de encontros: um momento oportuno para a reconciliação, para confrontar nossas vidas com a de Jesus, nos momentos de maior radicalidade. À luz desta generosa dedicação de



Jesus à nossa salvação, devemos repensar nossas próprias vidas, e nos apresentar diante de Deus, a Igreja, à sociedade, para que, através de gestos e ações litúrgicas e místicas de nossa Sagrada Tradição, possamos nos reconciliar, com nosso próximo e, finalmente, com Deus.

ATEMPORALIDADE LITÚRGICA: A ANÁMNESIS

Num sentido literal, esta palavra hebraica significa "comemoração". Há que se ter em mente, porém, que aqui o "recordar" não pode ser entendido como um processo introvertido, com o qual evocamos um evento ou uma pessoa do passado, sem qualquer compromisso de nossa parte no aqui e agora pessoal e comunitário; em geral, quando o uso bíblico e patrístico recorda algo, significa que o passado é trazido ao presente, e que desta forma se torna um impulso para fazer algo em nosso aqui e agora. Não se trata de voltar ao passado, mas, pelo contrário, mover o passado para o presente, para que suas implicações sejam eficazes.



Este sentido de recordação verifica-se também quando se trata de um ato ritual que é feito como um memorial, com todas as consequências que isso supõe para o aspecto significativo do rito. De fato, quando Cristo celebrou a Ceia com os discípulos, ele estava realizando um memorial e, ao mudar o sentido, por sua

Palavra, os gestos daquele rito, ele queria que os discípulos a repetissem precisamente no sentido de que Ele lhes havia dado; Jesus ordenou que repetissem aquilo como seu memorial. Daí que a palavra *anamnese* é traduzida mais por "memorial" do que por "recordação", para evocar mais diretamente as particularidades do termo no sentido bíblico e litúrgico.

Na parte da *anáfora* em que a *anamnésis* é feita a Igreja proclama sua recordação, na fé do mistério salvador de Cristo. Este mistério foi sempre expressado centrado na morte do Senhor (cf. 1 Cor 11:26). Já na *anáfora* da Tradição Apostólica faz a menção à ressurreição; desde o século IV, aparecem referências à ascensão e a *parusia*. O Oriente comemora toda a *economia salvadora* de Cristo. Na verdade, essas frases da *anamnésis* são a expressão da fé da Igreja no mistério que celebra: a repetição da Ceia, memorial do mistério salvador da Cruz, suscita sua memória, e disso brota a vivência envolta na ação de graças –*εὐχαριστία*. Na fé, a Igreja também aceita que a celebração do memorial supõe atualizar e proclamar o que vive, pois na Eucaristia é o próprio Cristo quem “*oferece e é oferecido*”.



Uma vez que o mistério da salvação é recordado até que o Senhor volte, a noção de *anamnésis* contém uma referência ao retorno do Senhor em sua “*Parusia*”. Na verdade, o memorial litúrgico é, em si, um alimento da esperança do povo; a recordação das maravilhas de Deus, atualizada no hoje pela celebração dos mistérios sagrados, assegura uma total fidelidade de Deus à sua promessa. Lembrar algo a Deus é como assegurar sua intervenção.

Ao *com-memorar* a última ceia na Divina Liturgia, “*anunciamos e proclamamos*” a morte e a vitória de Cristo sobre ela. Esta proclamação é feita pelo fato mesmo de celebrar a Eucaristia, pois quando a comunidade se reúne em *sinaxis* – assembleia – para celebrar o memorial, constitui em si um símbolo, um sinal, para toda a humanidade e o cosmos. Na anamnese, a



consciência da Igreja de constituir o signo vivo e dinâmico do mistério de pascal consumado e projetado, é expresso de uma forma que compromete a humanidade e o cosmos, pois toda a humanidade e todo o criado estão vinculados, como último destino, a encontrar-se com Cristo em sua volta.

O ETOS DA SEMANA SANTA

Alciviades Kalivas

Os eventos salvíficos que a Igreja recorda e celebra na Semana Santa estão enraizados no mistério inesgotável do amor inefável de Deus pelo mundo que culminou na encarnação, morte e ressurreição de seu único Filho e nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

As solenidades da Semana Santa nos ajudam a entrar e penetrar nas profundezas deste mistério. Cada dia apresenta um tema particular, um enfoque e uma história em particular. Cada história está vinculada à outra, e todas juntas estão ordenadas ao evento central: *a Páscoa da Cruz e da Ressurreição*. Tudo converge na pessoa de Jesus Cristo, que foi traído, crucificado e sepultado e que ressuscitou no terceiro dia. Estes eventos são as pedras angulares da estrutura da Semana Santa. Através deles abraçamos o mistério de nossa salvação. Seu resplendor nos ajuda a ver de novo e mais claramente a profundidade de nossos erros, tanto pessoal quanto coletivamente. Suas explosões de energia sobre nós nos lembram novamente do amor imensurável de Deus, de sua misericórdia e seu poder.

A Semana Santa nos coloca ante duas realidades: por um lado, somos cientes da terrível praga do pecado humano, que surge da rebelião contra Deus e que reside em nós e ao nosso redor; por outro lado, experimentamos novamente o Onipotente, o poder transformador do amor de Deus. Desde o princípio, Jesus e seu Evangelho encontraram uma resposta dupla: alguns creram e se tornaram Seus discípulos; outros o rejeitaram e passaram a odiá-lo, desprezá-lo e buscar eliminá-lo. Estas atitudes opostas em relação à pessoa e à mensagem são especialmente evidentes nos eventos celebrados na Semana Santa. Na medida em que se dá o desenrolar dos eventos, a falsa religiosidade é despida (Mateus 23:2-38) e as entranhas infernais do poder das trevas são desmascaradas (Lc 22:53). Aninhada nos corações dos homens maus - demoníaco, maligno e odioso - a escuridão ferve com o engano, a calúnia, a astúcia, a ganância, a covardia, a traição, a recusa, a perfídia, o ódio e a hostilidade agressiva. O mal, em todo o seu absurdo, e a fúria, explodem no evento da Cruz. Mas ele se torna impotente pelo amor de Deus (Lc 23:34). Cristo é vitorioso! A morte foi vencida. As tumbas são esvaziadas (Mt 27: 52-53). A vida foi libertada. Deus - e não o homem - controla o

destino do mundo!

No curso dos eventos da Semana Santa nos deparamos com muitas figuras contrastantes e rostos que chamam a juízo nossas próprias disposições e atitudes em relação a Cristo. A Semana Santa não é simplesmente um momento para recordar; é um tempo para viver, para o arrependimento, para uma maior e mais profunda conversão do coração – *metanoia*.



É nas solenidades da Semana Santa que experimentamos novamente o abraço do amor e do perdão de Deus; o dom e a promessa de eternidade e plenitude. Vivificados e energizados pela experiência, prosseguimos pela fé a subir a escada da ascensão divina. Seguros de Seu amor, vivemos na salvífica tensão entre alegria e tristeza até que Ele venha. Com um coração arrependido vivemos a alegria da esperança e na expectativa do que virá (1 Cor. 2:9).

JEJUM COM COMUNHÃO, ORAÇÃO, A VIDA CRISTÃ

O jejum de alimentos e, mais importante, dos pecados são observados na participação da mesma preparação para a Santa Comunhão, no Corpo e Sangue de Jesus Cristo, especialmente durante a Grande Quaresma. Para o cristão piedoso, a Santa Comunhão é o sagrado privilégio de estar em comunhão com o próprio Deus. É uma sagrada união de seu próprio ser com o de seu Criador e Redentor. Assim, o cristão piedoso busca praticar os mandamentos de Deus ao longo de todo ano. Seu arrependimento, confissão, orações, jejuns e esmolas, especialmente antes de participar da Santa Comunhão, são atos espirituais que o aproximam de Deus.



Os santos e os piedosos servos de Deus praticam o jejum, entre outras coisas, como um *meio* de promover seu próprio crescimento espiritual no serviço da Igreja. No Novo Testamento o jejum está vinculado à oração. Jesus Cristo, em referência à expulsão do espírito maligno, quando assegurou aos seus discípulos que o demônio é repreendido pela oração e pelo jejum: "Essa espécie (de demônio) não pode sair a não ser com oração e jejum" (Mc 9:29; cf. Mt 17: 20-21).